

Você é preto o suficiente? Atlanta e o espelho quebrado do absurdo racial¹

Marcos Junior²

Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP

Resumo

Este artigo analisa o episódio Rich Wigga, Poor Wigga da série Atlanta, como crítica ao "racismo sem racistas" (BONILLA-SILVA, 2020), partindo da ambiguidade proposta por seu criador Donald Glover. Demonstra como o absurdo converte-se em ferramenta crítica que combate a colonialidade para desmontar a branquitude e o contrato racial (MILLS, 2021), mediante três operações: o grotesco - corpo mestiço de Aaron como "suporte inerte" – (WILDERSON III, 2021), o humor negro (choque trágico-cômico entre autopercepção branca e percepção social de não-branquitude) e o sinistro (FISHER, 2017) - julgamento kafkiano como metáfora burocrática do racismo. Conclui-se que a série ergue o ilógico à linguagem política, afirmando o "direito à opacidade" (GLISSANT, 2021) ao expor fraturas ontológicas do sistema racial.

Palavras-chave: Atlanta; Colonialidade; Contrato Racial; Absurdo.

"A maioria das coisas está na área cinzenta. Mas [...] as coisas são rapidamente reduzidas a zeros e uns." (NPR, 2016). A afirmação de Donald Glover sintetiza o cerne do projeto estético de *Atlanta* (FX, 2016-2022): habitar a ambiguidade radical onde o racismo contemporâneo se esconde sob a lógica binária do "racismo sem racistas" (Bonilla-Silva, 2020). Este trabalho examina como o episódio "Rich Wigga, Poor Wigga" (S03E08) converte o absurdo em ferramenta epistemológica para desmontar a performatividade da branquitude, expondo a violência simbólica que sustenta o contrato racial (MILLS, 2021). O objetivo é demonstrar que a experiência racializada só pode ser traduzida quando a narrativa abre brechas para o ilógico, o incongruente e o ontologicamente desestabilizador.

Metodologicamente, ao articular as teorias críticas raciais de (FANON, 2020), (WILDERSON III, 2021) e (MILLS, 2023) ao conceito de lentes analíticas do grotesco, humor negro e sinistro (*eerie*) (FISHER, 2017), aplicando-as à narrativa do episódio. Este acompanha Aaron, um adolescente pardo de pai negro que se autopercebe como branco. Em sua tentativa de ingressar na universidade com amigos brancos, ele busca uma bolsa para negros, submetendo-se a um julgamento kafkiano que "averigua" sua negritude. Esta

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi, e-mail: marcosldc@gmail.com.

estrutura narrativa opera, conforme Fanon (2020), um "retorno do recalcado racial": a máscara branca que Aaron tenta vestir racha, revelando as engrenagens do apagamento colonial.

Argumentamos que o absurdo aqui não é mero recurso estético, mas estratégia de desocultação, manifestando-se em três operações epistemológicas interligadas:

1. **O grotesco como denúncia do apagamento colonial:** O corpo mestiço de Aaron, que navega performativamente entre a branquitude (autopercebida) e a negritude (imposta), torna-se um *monumento vivo* ao apagamento. Sua existência ambígua materializa a violência que reduz corpos não-brancos ao estatuto de "suporte inerte" (WILDERSON III, 2021) nas economias simbólicas, expondo a falácia biopolítica da pureza racial;
2. **O humor negro como crítica à fluidez racial neoliberal:** A situação de Aaron satiriza a ilusão individualista de que identidades raciais são meras performances desconectadas de estruturas de poder. O humor emerge do choque trágico-cômico entre sua *autopercepção* como branco (e seu desejo de privilégio) e a *percepção social* de sua não-branquitude (que o torna elegível para a bolsa, mas não para a aceitação no grupo branco);
3. **O sinistro (eerie) como assinatura do contrato racial:** A cena do julgamento burocrático – com seu tribunal absurdo, regras indecifráveis e veredito arbitrário – encarna o *kafkiano* como metáfora do contrato racial (MILLS, 2021). O sinistro reside na banalização da violência epistêmica que classifica corpos, revelando os mecanismos opacos e desumanizantes que perpetuam a hierarquia racial sob uma fachada de racionalidade.

Através da análise comparada de duas cenas-chave – (a) o julgamento onde a identidade de Aaron é espetacularizada e (b) o diálogo pós-rejeição com outro jovem negro, igualmente excluído – demonstra como cada sequência desvela camadas desse universo de suspensão racial que define a experiência negra no imaginário como um limbo ontológico: reconhecido apenas como objeto de violência, negação ou instrumentalização, nunca como sujeito pleno.

Com isso, a proposta de *Atlanta* de erguer o absurdo contra a lógica colonizadora, a série reescreve as regras do reconhecimento: não pela demanda de visibilidade dentro do sistema, mas pela exposição de suas fissuras. Como Glissant (2021) propõe, o "direito

à opacidade" – a recusa a ser traduzido, reduzido ou explicado pela lógica hegemônica. *Atlanta* não oferece respostas fáceis; oferece ferramentas para desmontar as perguntas que sustentam a máquina racial. Neste espelho quebrado do absurdo, branquitude e negritude refletem-se deformadas – e é nas fraturas que vislumbramos a possibilidade de um olhar verdadeiramente descolonizado.

Referências

- BONILLA-SILVA, E. **Racismo sem racistas**. São Paulo: Perspectiva, 2020.
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- FISHER, M. **The Weird and the Eerie**. London: Repeater Books, 2017.
- GLISSANT, E. **Poética da relação**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- LUZ, D. Q. C. **Nunca me vi nas telas: enquadramentos do corpo negro a partir das narrativas audiovisuais**. 2023. 177 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023.
- MILLS, C. **O contrato racial**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- NPR. **Donald Glover explores a surreal feel in 'Atlanta'**. 2016. Disponível em: <https://www.npr.org/2016/09/05/492632436/donald-glover-explores-a-surreal-feel-in-atlanta>. Acesso em: 31 mar. 2024.
- WILDERSON III, F.B. **Afropessimismo**. São Paulo: Todavia, 2021.